

Entre amores sonhados, perdidos e correspondidos: os bilhetes postais do *Jornal das Moças*¹

Alan SOUZA²

Graduando

Phillippe Sendas de Paula FERNANDES³

Doutorando

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Nos discursos sobre o amor, são elaboradas diversas performances de conquista, revolta e desejo daquele que é ou foi especial para alguém. Nesse sentido, este artigo busca compreender esses enunciados apaixonados ou desapaixonados, a partir da análise de bilhetes publicados na revista *Jornal das Moças*, na década de 1920. As 15 edições analisadas estão disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional. A leitura dos textos é uma visita ao passado, com histórias de amores em tempos de loucuras e transformações. Para isso, as contribuições de Roland Barthes (1981) e Mary Del Priore (2006) foram fundamentais, nos ajudando a refletir sobre esse pronunciar dos sentimentos, suas conquistas, suas frustrações.

Palavras-chave: História da Mídia Impressa; *Jornal das Moças*; bilhetes amorosos.

Introdução

Um emaranhado de palavras. As cartas podem ser descritas como uma tentativa do remetente de estabelecer contato com alguém ou como um enigma cuja compreensão só é dada pelo conhecimento de seu destinatário. Esse gênero advém do diálogo entre “ausência e presença, oralidade e escritura, público e privado, envolvimento e distanciamento, fidelidade e traição (não apenas nas relações amorosas) e realidade e ficção” (TRAVANCAS, 2020, p. 12). Ao captar ao menos um desses elementos, as cartas amorosas, por exemplo, têm objetivos claros: dar e receber amor. Às vezes melancólicas, elas são elaboradas à medida em que falam de um sentimento muito poderoso. No livro *As relações perigosas*, de Choderlos de Laclos (2012), a personagem Marquesa de Merteuil ensina a jovem Cécile a escrever assim para o amado Danceny:

Pense em caprichar mais seu estilo. Você [...] diz tudo aquilo que pensa, e não diz nada daquilo que não pensa. [...] com as outras pessoas e, principalmente, com seu

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia, e concorrente ao 6º Prêmio José Marques de Melo de Estímulo à Memória da Mídia.

² Graduando do curso de Jornalismo, segundo período, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: eualansz@gmail.com.

³ Professor da disciplina *Laboratório de pesquisa: tramas da pesquisa em acervos digitais*, ministrada entre agosto e novembro de 2020, com a professora Marialva Barbosa. Doutorando em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CNPq. E-mail: psendas7@gmail.com.

namorado, iria sempre parecer uma tolinha. Perceba que, quando escreve a uma pessoa, o faz para ela, e não para você: deve, portanto, procurar dizer menos o que você pensa do que aquilo que agrada a ela (LACLOS, 2012, p. 231).

A carta amorosa tem intenção de pôr em palavras o que não se pode guardar, até porque quando se ama, nutre-se isto por uma pessoa. Roland Barthes (1981, p. 65) explicita que “ninguém tem vontade de falar de amor, se não for para alguém”. Este artigo tem a proposta de analisar essas palavras de amor. Na verdade, são bilhetes, que expressam o que diferentes indivíduos escondem no secreto de seus corações em pequenos textos. Para a construção de nosso material empírico, recorreremos às seções “Bilhetes Postais” e “Postais Rápidos”, publicadas no *Jornal das Moças*, periódico do Rio de Janeiro, inspirado nas revistas ilustradas, que também circulava nas principais cidades do país no século XX. Nas seções analisadas foram postadas mensagens de leitores para outras pessoas, não importando se tinham caráter amoroso. Os bilhetes selecionados, neste caso, falam explicitamente da relação apaixonada. Por exemplo, E. G. L. escreveu para E. Ribeiro: “O amor que te dedico é tão puro como o azul do firmamento” (*Jornal das Moças*, 5 fev. 1925, p. 32). Essa mensagem ao se tornar pública revela uma imensa atração do remetente pelo seu destinatário, de modo que foi impossível guardar a declaração.

Figura 1: Anúncio do *Jornal das Moças*, edição 503, na qual seriam publicados quatro mil bilhetes postais.



Fonte: *Jornal das Moças*, 29 jan. 1925, p. 32.

Para a análise foram escolhidas, na *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*,⁴ 12 edições do *Jornal das Moças*, sendo a de número 503⁵, de 5 de fevereiro de 1925, a principal. Desse modo, faremos uma análise do conteúdo dos bilhetes e do contexto social no qual se inserem, abordando ainda toques imaginativos da vida das personagens.

À procura do amor

Muitos bilhetes no *Jornal das Moças*⁶ eram como uma propaganda de si com

⁴ Cf. <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>.

⁵ Para dar vazão aos muitos bilhetes que eram enviados à redação do jornal, a edição 503 publicou cerca de quatro mil mensagens. Essa foi a edição escolhida para a nossa análise por conta do volume de textos.

⁶ Fundado por Agostinho Menezes, o *Jornal das Moças* foi uma revista periódica que circulou no Brasil entre os anos 1914 e 1965. Voltada para o público feminino, publicava matérias relacionadas à moda, cultura, receitas culinárias, textos literários etc.

objetivo de achar um(a) parceiro(a), conectando pessoas estranhas que poderiam se tornar o grande amor da vida de alguém. Mas as seções não se limitavam aos anúncios, já que os leitores também criavam vínculos por meio de conversas. Miss Biluzinha⁷ é um exemplo de quem ousou publicar na revista: “Uma jovem com 18 anos, modesta e sincera, deseja encontrar um jovem que esteja nas mesmas condições e que saiba amar com sinceridade” (*Jornal das Moças*, 20 nov. 1924, p. 27). O comércio dos afetos era feito geralmente numa curta mensagem, em que colocavam-se as características julgadas prioritárias. A resposta dos candidatos era conquistada com palavras doces, envoltas dessa atmosfera de procura e seleção. Miss Biluzinha escreveu um recado para rapazes que quisessem namorar, estando ela disponível, e obteve retorno de J. Campos: “[...] deparei com o seu postal, e achando-me em condições, apresento-me candidato” (*Jornal das Moças*, 5 fev. 1925, p. 33) e de Yogi Samarus: “Candidato-me ao vosso amor. Renuncio a solidão e ao silêncio para vos amar. Espero encontrar em vós a mulher sonhada” (*Jornal das Moças*, 5 fev. 1925, p. 6).

Essa relação de Miss Biluzinha com os candidatos revela uma maior liberdade para as mulheres no começo do século XX. Antes, se os hábitos femininos eram regidos por uma conduta que prezava a moral, já em 1925, eles passavam por uma transição, que culminaria, décadas depois, em “uma fenomenal ruptura ética na história das relações entre homens e mulheres” (PRIORE, 2006, p. 242). Outro ponto a se destacar nesse período é que o corpo passou a ser uma das figuras principais na missão de atrair alguém ou se deixar atraído:

a presença feminina mexia com a cabeça dos homens. [...] E, nos jornais, observações deste tipo: “[...] curioso ver uma moça, quando é bem acabada, entrar e sair do mar [...] quando sai, e aí está o busílis, a roupa adere ao corpo [...] se nota muito a cintura bem feita, muito seio bem contornado” (PRIORE, 2006, p. 255).

Por muitos homens terem essa atração por “corpos perfeitos”, algumas mulheres se julgavam inaptas a esse padrão. Olga Vicentini é um desses casos. Ela estava em busca de uma relação e usou do espaço para se declarar a Murilo, com ressalvas à sua suposta falta de beleza: “Murilo, não sejas precipitado! Cuidado com a ‘decepção’. Confesso que a natureza não me foi nada favorável. Espere a publicação do retrato [no jornal] e depois conversaremos. Receio que... eu te adoro! Sou feia, mas amo-te ardentemente” (*Jornal das Moças*, 5 fev. 1925, p. 37). A preocupação estética de Olga passa a ser uma realidade entre as moças que também tinham o propósito de conquista na época. Segundo Mary del Priore (2006, p. 256), nesse período as mulheres despojaram-se das vestes volumosas, que as

⁷ Era permitida a criação de pseudônimos para publicar os textos no jornal. Muitos leitores usavam desse artifício para manter a identidade no anonimato. Outros também assinavam os bilhetes com as iniciais de seus nomes e sobrenomes.

tinham protegido do desejo masculino. Começava então uma era em que a aparência tornava-se destaque. Os enunciados de uma carta, portanto, mesmo carregados pelo teor orientado pela Marquesa de Merteuil à Cécile, já não eram suficientes no começo do século XX. A imagem passou a ser diferencial na troca comunicativa que buscava estabelecer um vínculo amoroso. A incerteza de Olga, por exemplo, era compartilhada por muitos outros.

Figura 2: Capa da edição 503 do *Jornal das Moças* (à esquerda). Em outra edição da revista, retratos de leitores, entre eles, Nestor Chaves, na posição 3 (à direita).



Fonte: *Jornal das Moças*, 5 fev. 1925, p. 1; 6 nov. 1924, p. 22. Montagem dos autores.

Nestor Chaves publicou seu retrato. Bem arrumado, vestindo terno, um homem de olhar sério, que parece disfarçar um sorriso no rosto. Assim, ele conquistou Rosa dos Ventos. A fotografia foi o primeiro contato entre os dois, mesmo sem a troca de mensagens direcionadas. Em seguida, foi a vez dela fazer Nestor ter ciência de sua existência: “Vendo a tua linda efígie [...], fiquei deveras encantada. És comprometido?” (*Jornal das Moças*, 5 fev. 1925, p. 33). A tentativa de Nestor de achar alguém expondo-se no jornal abria espaço para um só resultado: ou surtiria efeito ou não teria sequer resposta. Essa conexão primitiva entre duas pessoas tem a essência de um empreendimento, o que depende do acaso:

O mundo submete todo empreendimento a uma alternativa; a do sucesso ou do fracasso, da vitória ou da derrota. [...] “conseguir” ou “fracassar” têm para mim sentidos apenas contingentes, passageiros [...]; estou destituído de toda finalidade, vivo conforme o acaso (a prova é que as figuras do meu discurso me vêm com lances de dados) (BARTHES, 1981, p. 16).

O empreendimento, no entanto, necessita de fatores que atraiam o outro. Com o passar da idade, a busca pelo amor pode ser mais dificultosa e é claro que a fixação por “corpos perfeitos” pode resultar numa segregação de quem não os têm. Não é o caso,

necessariamente, do Moreno Marinheiro, um senhor que, ao publicar seu anúncio, deixou claro suas condições físicas e materiais: “É vantajoso: Um jovem ancião, com 52 anos, ignorante na extensão da palavra, deseja encontrar uma senhorita (não caritó) que lhe queira ensinar as primeiras lições da fina arte de amar, sendo gratuitamente. Sou pobre, preto e velho” (*Jornal das Moças*, 5 fev. 1925, p. 37).

O Moreno Marinheiro, que ainda não tinha amado, empreendia não apenas para sentir o afago no corpo, mas para unir-se a alguém pela primeira vez. Ele pedia apenas uma senhorita que tivesse experiência e o devido zelo com ele. Moreno, que ainda precisava aprender a amar, pedia isso sem ter tanto a oferecer, apenas a si mesmo. A situação remonta ao sistema escravocrata que perdurou até as últimas décadas do século XIX. Ele, que nascera provavelmente em 1873, pode ter sido um dos beneficiados com a Lei do Ventre Livre,⁸ promulgada dois anos antes, o que possivelmente não evitou que ele vivesse em meio aos escravizados. A pobreza e a solidão do homem preto, que sentia a necessidade de anunciar-se, caracterizam um caso que revela a condição de muitos outros em situação semelhante naquela época.

Os bilhetes têm ainda uma outra peculiaridade, como no assinado por Espada Flamejante “à mais bela da rua do Senado”: “Criatura mais bela, mais meiga, jamais meus olhos viram, merecias um altar incrustado de diamantes” (*Jornal das Moças*, 5 fev. 1925, p. 32). A carta, neste caso, preza pela imagem que ficou na lembrança de quem passava pela rua do Senado,⁹ ou que, poderia sempre passar por lá para admirar a mulher merecedora de um altar. O ato que Espada Flamejante desempenhou pode ser visto como o início de um vínculo. Essa criação de laços começa pelos olhares, que, segundo Priore (2006, p. 294), é mais uma possibilidade do novo século em relação às condutas femininas, quando as mulheres começaram a se expor ao comércio dos olhares com o objetivo do namoro.

Do bilhete de Espada Flamejante, pode-se ainda supor acerca do que era buscado com a moça. Naquela época, novos hábitos se formavam: namorar já não era mais o básico de uma relação, que se diga, apaixonante e o *flirt*¹⁰ passou a ser uma primeira demonstração de desejo e disponibilidade sem obrigações. Como explica Priore (2006, p. 296), “a transformação do *flirt* para o namoro propriamente dito não ocorre sempre; há moças que se

⁸ Em 1871, a Lei do Ventre Livre permitiu que os nascidos filhos de escravizados, após sua promulgação, fossem alforriados. Mas essa condição de liberdade não impediu que eles vivessem em meio ao trabalho escravo, visto que seus pais ainda eram submetidos a ele.

⁹ O Rio de Janeiro era a capital federal do Brasil na época da publicação dos bilhetes. A rua do Senado tinha esse nome, justamente por lá estar instalada a antiga Casa Legislativa, no Palácio Monroe.

¹⁰ *Flirt* é uma expressão da língua inglesa. É o mesmo que flerte ou pegação. Em alguns bilhetes selecionados para o artigo, aparece a variação *flirtzinho*.

deliciam e divertem apenas flertando de modo sucessivo e até simultâneo com mais de um rapaz”. E se Espada Flamejante apenas buscasse o olhar mais atento da senhorita aos lados da rua do Senado para que lhe visse e vivessem um *flirt*? São muitas as possibilidades presentes nos textos. Abre-se, então, um leque de cenários em cada um.

O *flirt* era testado por muitos que desejavam uma aventura e, inesperadamente, o amor poderia nascer desse ato sem compromisso. Por outro lado, se confirmados, os empreendimentos feitos pelos anúncios também dariam um fim à busca. A conexão estaria, portanto, feita. Contudo, o empreendimento não poderia se dar por finalizado.

Um amor de devoção

O amor não se acostuma com a solidão, de modo que escondê-lo é criar uma bola de neve: em algum momento ele se manifesta. E mesmo na distância, o contato com o outro é algo precioso. Nesses casos, a carta é uma ferramenta que aproxima os apaixonados, em que, segundo Barthes (1981, p. 32), está “cheia de vontade de significar o desejo”. A troca de correspondências amorosas é, nesse sentido, um objeto, no qual duas pessoas se dedicam a uma palavra apaixonada. Em *As relações perigosas*, Cécile escrevia a Danceny: “O que de fato sinto é que nunca o amei tanto como agora, e nunca tive tanta vontade de dizê-lo. [...] que eu possa cem vezes repetir que o amo, que o adoro, que nunca amarei mais ninguém” (LACLOS, 2012, p. 330). Assim como nesse exemplo, a carta de amor está predestinada a ser parte de um processo em que se evidencia a manutenção afetiva.

Vicente postou um bilhete para Nega Rocha Leão, declarando um amor que suporta o tempo e a lonjura. “Amo-te e sem teu amor não poderei viver. Sinto profundas saudades, em estar ausente de ti em tanto tempo” (*Jornal das Moças*, 5 fev. 1925, p. 35). Vicente tornou público que ainda estava apaixonado e o seu texto atingiu dois públicos: os leitores do jornal e a própria receptora. Os primeiros o leram como uma demonstração de amor e sentiram-se incitados a, talvez, desejar que os dois ficassem juntos quando dissipassem as dificuldades. Na segunda perspectiva estava a destinatária, que ao tomar conhecimento de que aquele homem não a esqueceu, pôde voltar a se envolver de paixão ou se recordar de episódios ruins com ele, numa explosão de emoções. E, a partir dessa verificação, assumir a responsabilidade de responder ou não a Vicente, se ele ainda fosse o amor de sua vida.

O bilhete de Vicente é uma amostra de que uma pessoa querida não é facilmente esquecida. A imagem desse alguém fica impregnada na mente e submete este ser que se recorda a procurar novos laços com a pessoa ou é obrigado a esquecê-la. Vicente não esqueceu Nega Rocha Leão porque fora ela que o fez conhecer o sentido da vida, como

deixa subentendido. Foi nela que o personagem achou o que mais lhe atraía, numa tradução dos seus desejos que, em seguida, não conseguiu mais ter. Barthes (1981) coloca em questão essa condição na qual um indivíduo se apaixona por alguém e procura as características pessoais deste em seus relacionamentos futuros. “Será então que o meu desejo, que é tão especial, se encaixa num tipo? Meu desejo é então classificável? Existe, entre todos os seres que amei um traço comum [...] que me permita dizer: eis meu tipo” (BARTHES, 1981, p. 25). Nega Rocha Leão representava o “tipo” de Vicente e era a pessoa ideal, que ao depositar nele seu amor, o tornaria feliz pelo resto da vida.

Mas na relação amorosa, a comunicação não se resume em palavras, até porque, as carícias e até mesmo o silêncio estabelecem vínculos. O que espera-se daquele que se ama é a resposta, dita e também sentida. Ao tocar alguém, aguarda-se alguma ação de retorno ao primeiro contato. A partir disso a relação tem um ápice. Mas, quando o único recurso é a carta, as palavras são detentoras de produzir todas as manifestações, que por ora não podem ser sentidas. O sentido de escrevê-las é simular a própria presença, fazendo com que os enunciados sejam os próprios toques do ser que ama naquele que é amado. Barthes (1981) destaca que as palavras podem ser mais que letras, devem pertencer ao plano dos afagos. Serão, portanto, na leitura do ser amado, a própria imaginação do gesto:

A linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos na ponta das palavras. Minha linguagem treme de desejo. A emoção de um duplo contato: de um lado, toda uma atividade do discurso vem, discretamente, indiretamente, colocar em evidência um significado único que é “eu te desejo”, e liberá-lo, alimentá-lo, ramificá-lo, fazê-lo explodir (a linguagem goza de se tocar a si mesma); por outro lado, envolvo o outro nas minhas palavras, eu o acaricio, o roço, prolongo esse roçar, me esforço em fazer durar o comentário ao qual submeto a relação (BARTHES, 1981, p. 64).

A partir disso, os bilhetes são lidos com o mesmo viés que foram feitos: o romance, já que retirado, há o risco de sua validade ser perdida. Do mesmo modo, não se compreende uma correspondência de amor se despojando da inquietude de entender este sentimento.

Pio M. S. Ribeiro destinou um bilhete para Eunice D. da Silva: “O teu amor, a tua sinceridade, a tua imensa bondade para comigo é que me fazem resistir com calma. Tem fé no futuro, pois só a ti darei o coração” (*Jornal das Moças*, 5 fev. 1925, p. 37). Pio sabia do afeto da amada e, por isso, fez juras, prometendo um futuro feliz para ela. Aqui, o empreendimento não é feito só na conquista do outro, mas também na tentativa de mantê-lo (BARTHES, 1981, p. 33). E Eunice, ao ler a declaração, pôde sentir-se (ou não) levada a manter aquele relacionamento à distância. Já esse futuro que Ribeiro fala, considerando a

época, seria provavelmente o casamento, que era a chave de uma união bem vista — tanto que jovens eram, desde cedo, encorajados a se casarem (PRIORE, 2006, p. 267). O matrimônio era o estágio superior de uma relação amorosa e, segundo o Código Civil vigente desde 1916, indissolúvel. Mas aceitando casar-se, as mulheres condicionavam a própria vida à privação até das liberdades, que o período lhes concedia.

[No Código Civil de 1916] a mulher era considerada altamente incapaz para exercer certos atos e se mantinha em posição de dependência e inferioridade perante o marido. [...] Ao marido, cabia representar a família, administrar os bens comuns [...] e fixar o domicílio do casal. Quanto à esposa, bem... essa ficara ao nível dos menores de idade [...] nem trabalhar a mulher podia sem permissão do marido. Autorizava-se mesmo o uso da legítima violência masculina contra excessos femininos (PRIORE, 2006, p. 259-260).

O casamento, portanto, poderia ser um “final feliz” ou “infeliz”. Na sociedade como um todo, claro, a única versão apresentada era a primeira. Uma pessoa que assina como Jupyra escreveu: “O dia da minha maior felicidade será aquele em que, de joelhos perante o altar, nos unirmos para sempre” (*Jornal das Moças*, 5 fev. 1925, p. 54). O sonho de um jovem de se unir a alguém e manter uma relação saudável era admirável no começo do século XX. Contudo, é importante olhar para esse contexto, considerando que a década de 1920 é conhecida como a dos “anos loucos”.¹¹ Nesse período, por exemplo, a erotização dos corpos passou a ficar muito visível, o que poderia distrair o olhar de moços e moças daquilo que seria certo, dentro das diretrizes sociais. Jupyra, por exemplo, quando sonhava em casar com E. C., poderia também distanciar-se da dita promiscuidade com outras pessoas. Essa mentalidade se diferenciava dos novos hábitos da época, segundo Priore (2006, p. 296), quando as moças não buscavam um só amor, mas flertavam com vários e, às vezes, na mesma noite. O que é dito das moças também se refere aos homens, mas eles estão protegidos pela ideologia predominante de “ másculo” e “pegador”.

Dado o período, as pessoas já conseguiam ter maior proximidade nas ruas. Os cumprimentos lá realizados, desde então, poderiam até mesmo anteceder alguma relação. Foi num desses encontros casuais que Costa se apaixonou e, pelo outro não ter saído de sua mente, escreveu-lhe um bilhete: “Oxalá aquele aperto de mão seja o elo do nosso amor! Amo-te loucamente, desde aquele momento ditoso que te vi. Serei correspondido?” (*Jornal das Moças*, 5 fev. 1925, p. 38). Como o destinatário é o/a “violinista”, é provável que o

¹¹ A década de 1920 ficou conhecida como os anos loucos (expressão trazida da língua francesa, *années folles*, e da língua inglesa, *crazy years*) devido, dentre outras coisas, aos novos hábitos culturais e sociais que surgiram após a Primeira Guerra Mundial e o fim da epidemia de gripe espanhola. Essa mudança de valores, por sua vez, desencadearam uma série de movimentos como as vanguardas artísticas, estilo arquitetônico, moda e maior liberdade para as mulheres.

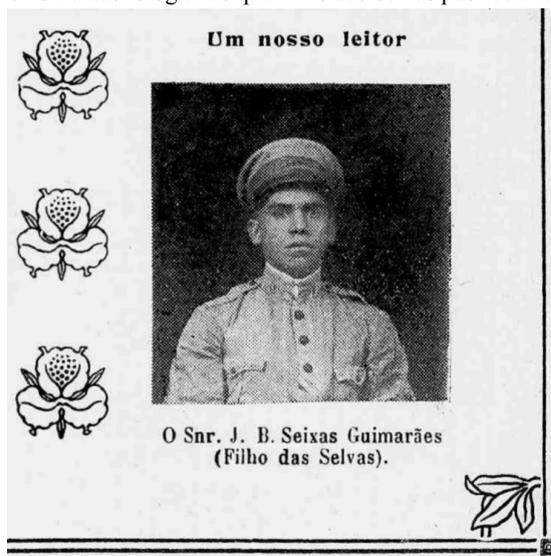
lugar cujo primeiro olhar ocorreu tenha sido uma festa. Quem sabe Costa foi cumprimentar os músicos e lá o Cupido lhe físgou? A carta surge nesse contexto, após o evento, como uma nova saudação ao ser amado. Isso porque Costa continuou com a lembrança das músicas e de quem as tocava no violino. O discurso é utilizado para que o outro revise a memória e tenha pelo remetente boas recordações da circunstância. Assim, como teoriza Barthes (1981, p. 21), a locução precisa envolver o outro naquilo que mais pode mexer com ele, “é um invólucro liso que adere à Imagem, uma luva suave envolvendo o amado. É um discurso devoto, bem-pensante”. No caso de Costa, o invólucro é o passado.

Outra personagem que publicou bilhetes foi Elisinha, sendo o nome, provavelmente, como os mais íntimos chamavam-na, inclusive o receptor do texto. “Oh, querido, como eu te amo... Amo-te loucamente, porém tenho uma grande incerteza em meu coração. E isto me maltrata muito... há tantos obstáculos no nosso amor” (*Jornal das Moças*, 5 fev. 1925, p. 50). Elisinha nutria o típico sentimento que se revolta ao não conseguir se expressar. Havia uma dedicação em ter Mauro Ribeiro, o seu amado, em seus braços e encerrar nele os toques presenciais que a carta não permite. Um ponto a se considerar é o “eu te amo”, que tem como um dos objetivos receber o “eu te amo também” (BARTHES, 1981, p. 101). Daí, conclui-se que o amor é devoto, quando mesmo na comunicação indireta, como as encontradas nos bilhetes, se permite declará-lo.

Justas formas de amor

Por permitir o anonimato, as seções eram usadas por leitores que, por algum motivo, não queriam se expor. Inclusive, era nesta condição que muitas pessoas de diferentes sexualidades buscavam um parceiro com quem dividissem momentos juntos. Não há a percepção de que homossexuais, lésbicas e outras identidades não existiam. Pelo contrário, os bilhetes ajudam a compreender que eles também procuravam amores. Entre eles estava o de Flor de Ipê, declarando-se para Filho das Selvas. “Virando uma das páginas do nosso querido *Jornal das Moças*, deparou-se-me a tua fotografia pela qual fiquei loucamente apaixonado. Serei correspondido?” (*Jornal das Moças*, 5 fev. 1925, p. 43). Isabel Travancas (2020, p. 13), com base em Michel Foucault, expõe que “se a carta é endereçada ao outro, ela também diz de quem a escreve”. Esse bilhete, no qual só detalhes indicavam o ser por trás do apelido, não poderia ser prova de que era um homem que se declarava a outro, afinal poderiam ser meros erros de ortografia. Entretanto, essa dúvida gerou a procura da verdade.

Figura 3: Uma das fotografias que Filho das Selvas publicou na revista.



Fonte: *Jornal das Moças*, 15 ago. 1922, p. 25.

Em outra edição, o mesmo leitor, Flor de Ipê, escreveu a Gonzaga Santos: “Lendo uma das páginas do querido *Jornal das Moças*, deparei-me a sua fotografia, pela qual fiquei loucamente apaixonada. Como és lindo! Tens compromisso?” (*Jornal das Moças*, 7 maio 1925, p. 32). Mas o texto ao invés de esclarecer o que ficara entreaberto, trouxe mais incerteza. Se no primeiro bilhete, Flor de Ipê escrevia palavras no gênero masculino, no segundo, usou o termo “apaixonada”. E assumiu essa identidade nas postagens seguintes.

Gonzaga respondeu: “Não sou comprometido, mas ando tão descrente que não creio mais na sinceridade da mulher” (*Jornal das Moças*, 5 fev. 1925, p. 54). Flor de Ipê tinha nas mãos a chance de revelar quem era de verdade, mas assinou um bilhete que dizia: “Por que descrês do amor das mulheres? Foste traído por alguma? Nem todas são volúveis como pensas, pois a minha simpatia por ti é tão sincera que não pude resistir em escrever-te” (*Jornal das Moças*, 22 out. 1925, p. 58). Quem escreveu, de todo modo, declarou-se uma mulher cujos traços ali projetados podiam ser a base da paixão de Santos. Na época da publicação desses bilhetes persistia a ideia de que o homossexual era, na verdade, uma

mulher presa no corpo de um homem. [...] Nascidos com genitais masculinos, mas sexualmente atraídos por outros homens, alguns pensavam que sua essência, alma, espírito, ou pensamento eram, na verdade, femininos, e estavam encarcerados erroneamente num corpo masculino (GREEN, 2000, p. 136-137).

Assim como os demais, não há muitos dados sobre Flor de Ipê. No entanto, devido a abordagem, não é difícil imaginar suas vivências no período. Durante as décadas de 1920 e 1930, houve uma forte emigração de homossexuais do nordeste brasileiro para cidades mais ao sul, como João Francisco dos Santos, o Madame Satã, que ganhou fama, inclusive.

Sendo pernambucano e negro, João desde cedo ganhou a vida vendendo coisas nas ruas e em outros trabalhos no Rio de Janeiro. Aos 18 anos, conseguiu emprego de garçom em um bordel, meio reconhecido por contratar meninos que “podiam desempenhar tarefas domésticas com facilidade e eficiência e viver entre as prostitutas sem criar uma tensão sexual” (GREEN, 2000, p. 150). Esse era ainda um caminho estreito para que os garotos prestassem os próprios serviços a outros homens, como Madame Satã mesmo chegou a fazer eventualmente. Na realidade, a prostituição era modo de sustento, muitas vezes, mas a vida de homossexuais não se limitava à ela. Flor de Ipê, por exemplo, postava bilhetes na intenção de quem sabe namorar e dizia-se apaixonado só em achar o seu “tipo” nos retratos dos leitores. Assinando como D. M. P. (Flor de Ipê), ele escreveu para Gonzaga: “Ah, como são consoladoras as tuas palavras! Se fosse verdade, eu seria imensamente feliz, a dúvida... ainda assim quero viver nesta doce ilusão; porquanto o amor que vem do coração inflama-se pelo prazer de ler os teus postais” (*Jornal das Moças*, 25 mar. 1926, p. 34). Assim, ele realizava a conquista sem se revelar, mesmo que um dia descobrissem a verdade.

Mas, como Flor de Ipê era, fora das páginas do *Jornal das Moças*? Afinal, outros homossexuais, no século XX, “não apenas aceitavam sua sexualidade, mas de fato a reafirmavam” (GREEN, 2000, p. 124). Nos grandes centros, era comum inclusive, o uso de locais públicos para encontros não apenas amorosos, mas de amizade também, coisa que ajudava aos que vinham de outras regiões na formação de parcerias. Geralmente, as reuniões eram à noite, quando os moços não precisavam usar maquiagem com tom mais leve, com medo de repressões da polícia, que também aconteciam. O horário ainda ajudava na procura de locais reservados para práticas sexuais por parte dos que queriam.

Nas seções, há mensagens de outros que se envolveram com Flor de Ipê, sendo Botão de Ipê um exemplo. “Lembras-te daquela data que não volta mais? Que juntinhos dizia: amo-te com todas as forças e minha mocidade. Talvez nem lembres um só minuto deste infeliz” (*Jornal das Moças*, 24 dez. 1925, p. 43). O bilhete atentava para a falta que fazia o ser amado. Porém, a declaração era feita quando o outro estava empreendendo um novo amor com Gonzaga, que, por sua vez, acreditava que falava com uma mulher. Assim, corações eram disputados, ao passo que Flor e Botão de Ipê tinham na conquista uma das formas de se afirmarem no mundo em que viviam. E talvez tenha sido essa afirmação de si, o que fez Flor de Ipê ser descoberto. Um outro leitor, Sahib, apareceu entre as mensagens, escrevendo: “O nosso interessante Chico Pinto desapareceu. [...] ele me disse que ia à Avenida Suburbana ver a Flor de Ipê... Duvidei... Vou saber do Cap. Voador, o qual saberá

da Rainha das Flores se é verdade. Cuidado! Não fale à Calypso sobre isso, por causa do Gonzaga Santos” (*Jornal das Moças*, 9 set. 1926, p. 55). O destinatário era Anatólio, amigo de Gonzaga, que edições depois recebeu outra mensagem, desta vez, de Donzela Theodora:

Chico Pinto [...] Disse ter vindo do Rio, não encontrando a tal Flor de Ipê que tu lhe pediste para procurar. Pelas pesquisas que fez na Avenida Suburbana, verificou que essa senhorita é barbada como Guerra Junqueiro. Coitado do sr. Gonzaga Santos! Ele aspirava um *flirtzinho* com ela. (*Jornal das Moças*, 23 set. 1926, p. 51).

Após a descoberta dos amigos de Santos, o que restava a Flor de Ipê era estancar a dor de quem teria enganado. Anatólio escreveu: “Senhorita, sem mesmo conhecê-la, devo dizer-lhe que o meu amigo Gonzaga Santos vive sonhando com a sua existê[n]cia... Peço-lhe [para] consolá-lo” (*Jornal das Moças*, 30 set. 1926, p. 32). Ou seja, não se considerou os sentimentos do homem de nome com iniciais D. M. P.. Ressalta-se acerca de seu nome verdadeiro, pois era a ele a quem recorria para arrumar sua forma de sustento. Naquela época, um parceiro era também cobiçado por questões financeiras (GREEN, 2000, p. 157), porque sem um amor sincero com que dividissem o destino, eles eram os mais propensos a se submeterem à precária vida moderna. Flor de Ipê seguiu a vida.

O amor é uma farsa

A carta também pode ser usada para a ruína do outro. Isso porque se a revelação do amor tende a causar explosões de emoções, o “eu não te amo mais” ou a resposta negativa, para o ser que tem sentimentos, é devastador. Não que seja motivo para atitudes estúpidas, mas, dependendo da situação, o choque é desencadeador do inesperado.

No *Jornal das Moças*, Alvi Rubro postou: “Ingrata. Porque finges não compreender este amor puro e verdadeiro que te dedico? Acaso não serei digno de ti? Espero resposta” (*Jornal das Moças*, 5 fev. 1925, p. 31). A mensagem era destinada à Mariazinha, porque a maneira com a qual ela correspondia ao seu admirador não era o tom ansiado. Ela, no entanto, não era obrigada a experimentar o que o outro sentia. O amor não é um sentimento que se generalize nas relações, ele apenas acontece quando há vontade em duas pessoas de possuir uma a outra (BAUMAN, 2004, p. 20). Quem sabe Alvi Rubro não seja de todo indigno, Mariazinha é que não quer ter a responsabilidade de amá-lo. Como se pode perceber, o amor está apenas para uma pessoa, tanto que se precisa da resposta “também” para que haja a relação. Desta forma, a materialidade do sentimento em questão é por ela mesma estranha, ao não impedir que Alvi Rubro trate o caso como ingratidão de Mariazinha. Como em outras ocasiões, o amor não quer saber do outro, quer somente se

sustentar e se enxergar num espelho, num ato de mutualidade instantânea. Os bilhetes revelaram, em alguns casos, que o amor equipara-se ao desejo de Narciso por si.

Não obstante suas ocasionais ilusões de onipotência, o narcisista depende de outros para validar sua auto-estima. Ele não consegue viver sem uma audiência que o admire. [...] Para o narcisista, o mundo é um espelho, ao passo que o individualista áspero o via como um deserto vazio, a ser modelado segundo seus próprios desígnios (LASCH, 1983, p. 62).

No caso, não é ser o centro da atenção das pessoas o que importa para o ser que ama, mas ser o escopo dos sentimentos do outro. Basta que palavras doces sejam ditas, para que ele se sinta bem na relação. Porém, para receber elogios, este precisa ter iniciativa de se submeter a análise; e quando esse ato não é suficiente, o empreendimento falha. Foi o que aconteceu com Filho do Amor, que enviou um postal para a amada, Paulista Revoltosa. Ela respondeu: “Sou demasiadamente incrédula para aceitar o seu amor” (*Jornal das Moças*, 5 fev. 1925, p. 34). A tentativa de conquista, portanto, naufragou. Alguém pode ter dito a ele que nem sempre a resposta seria positiva, o que na comunicação é recorrente, já que a recepção é quase sempre imprevista. O Filho do Amor certamente esperava receber um retorno otimista, mas isso não quer dizer que tudo estava acabado. Paulista Revoltosa talvez amasse o seu admirador, mas ainda não se sentia segura para se entregar, já que ele ainda não havia provado o suficiente. Afinal, “o amor é uma rede lançada sobre a eternidade” (BAUMAN, 2004, p. 20) e quem nutre esse sentimento quer segurança de que não será em vão. Até porque o objetivo é ter retorno, para que não se caia em desgraça romântica.

Nesse sentido, Vulto Sinistro parece ter sido tapeado por juras falsas e, em troca, passou a rechaçar a possibilidade de amar novamente, um exemplo de risco que todo aquele que é enganado tende a se submeter. Escreveu: “Assim como a mariposa é fascinada pelo esplendor da chama deslumbrante, assim também a mulher fascina o coração do homem para depois abandoná-lo” (*Jornal das Moças*, 5 fev. 1925, p. 43). O amor, portanto, segundo sua lógica, é uma ilusão. Outra que passou pelo mesmo foi Primavera. Ela, porém, desdenhou apenas de “alguém de Benfica”: “Ingrato! Volúvel! Cruel! Creio que uma pessoa como tu, que me desprezou tão cinicamente, é preciso ter um coração igual ao de uma serpente. Felicidades” (*Jornal das Moças*, 5 fev. 1925, p. 34). Reações como as que Vulto Sinistro e Primavera tiveram são uma ruptura no ideal amoroso. Há de se considerar, no entanto, que o discurso daquele que passa a não mais amar guarda, a rigor, resquícios de um romantismo chagado. Até porque é preciso ter a memória dos momentos de afago, para que o “adeus” se desenvolva. Após isso, tenta-se esquecer do ex-amado, desfazendo-se dos

olhares, toques e palavras, ou seja, eliminando todas as formas de conquista dele.

Considerações finais

Com o tempo, a carta de amor ganhou novos contornos, mas ainda se reconhece traços semelhantes aos utilizados outrora nas seções de bilhetes postais do *Jornal das Moças*. Na era digital, o texto finalizado com a marca do batom que provavelmente Cécile usava ao enviar cartas para Danceney é substituído com a postagem de fotografias ou *emojis* de corações, de rostos apaixonados ou de beijos nos *chats*. Na verdade, a conexão virtual torna o outro mais acessível, por exemplo: se antes precisava se expor ao ser amado, hoje basta procurar o seu perfil nas redes sociais, onde lá ver-se-á provavelmente se ele(a) é comprometido ou não. Os perfis, aliás, são como uma vitrine de si, de acordo com Ieda Tucherman (2019, p. 121): “precisamos exaltar em nós o que pode agradar mais na seleção que sofreremos e omitir aquilo que poderia espantar os supostos interessados, portanto quem se apresenta não é um eu verdadeiro e sim uma montagem que pareça propícia para este jogo de mercado”.

Em aplicativos de namoro, há ainda a possibilidade de dar *match*, o que no *offline* seria a piscada de olho, um sorriso, etc. Cria-se, portanto, um modo de se relacionar, em que “as pessoas primeiro se conhecem ‘por dentro’, conversam sobre seus gostos, passado, projetos, para só depois concretizarem o primeiro encontro fora” (COSTA, 2020, p. 39). Nessa nova modalidade, o toque amoroso das palavras ainda persiste e essa ferramenta é o que excita a ligação entre os enamorados, como a notificação que chega de “bom dia” logo ao acordar e dá a energia revigorante para continuar a união, mesmo na distância. Por outro lado, a conversa quando não mais apresenta sinais de paixão tende a tornar-se chata e, quem sabe, com os envolvidos excluídos da lista de contatos.

Para relacionamentos já firmados, o “eu te amo”, no entanto, nunca mudou e jamais poderia. O que se transforma é a forma como é dito, isso porque o ser humano necessita trocar gestos de carinho, de dizer que quer cuidar de um alguém especial. Esse é o motivador principal dos amantes. Mas esse estado é, apesar de todo sentimento envolvido, imprevisível, já que o amor, da mesma forma que vem, totalmente inesperada, pode ir sem nem perceber. Ou como canta Rita Lee, “o amor depende da sorte”.¹²

Referências

¹² Trecho da música *Amor e Sexo*, de 2003, composta por Rita Lee, Roberto de Carvalho e Arnaldo Jabor, em que contrapõe o significado dos dois termos do título: “Sexo é escolha/Amor é sorte”

BARTHES, R. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

COSTA, C. Cartas de amor para estranhos: da literatura epistolar para a e-pistolar. In: PINHEIRO, M. A.; MACHADO, M. **Recortes do Contemporâneo**: mediações socioculturais. Rio de Janeiro: Mórula, 2020, p. 32-44.

GREEN, J. N. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LACLOS, C. **As relações perigosas**. São Paulo: Penguin Companhia, 2012.

LASCH, C. **A cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

PRIORE, M. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

TRAVANCAS, I. “A gente foi se conhecendo, se apaixonando, através da escrita” — a comunicação nas relações amorosas a distância. In: PINHEIRO, M. A.; MACHADO, M. **Recortes do Contemporâneo**: mediações socioculturais. Rio de Janeiro: Mórula, 2020, p. 14-31.

TUCHERMAN, I. **Arqueologia do discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

Jornais consultados:

JORNAL DAS MOÇAS, Rio de Janeiro, n. 374, 15 ago. 1922.

JORNAL DAS MOÇAS, Rio de Janeiro, n. 490, 6 nov. 1924.

JORNAL DAS MOÇAS, Rio de Janeiro, n. 492, 20 nov. 1924.

JORNAL DAS MOÇAS, Rio de Janeiro, n. 502, 29 jan. 1925.

JORNAL DAS MOÇAS, Rio de Janeiro, n. 503, 5 fev. 1925.

JORNAL DAS MOÇAS, Rio de Janeiro, n. 511, 2 abr. 1925.

JORNAL DAS MOÇAS, Rio de Janeiro, n. 516, 7 maio 1925.

JORNAL DAS MOÇAS, Rio de Janeiro, n. 540, 22 out. 1925.

JORNAL DAS MOÇAS, Rio de Janeiro, n. 549, 24 dez. 1925.

JORNAL DAS MOÇAS, Rio de Janeiro, n. 586, 9 set. 1926.

JORNAL DAS MOÇAS, Rio de Janeiro, n. 588, 23 set. 1926.

JORNAL DAS MOÇAS, Rio de Janeiro, n. 589, 30 set. 1926.